

**Do primeiro encontro com os Xavante
à demarcação de suas reservas:
relatórios do Pe. Hipólito Chovelon**
*From the first sight of Xavante's
indigenous until their lands demarcation:
reports of Priest Hipólito Chovelon*

Georg Lachnitt¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v17i32.459>

A tentativa de aproximação com o povo Xavante foi iniciada pelos salesianos em 1930 pelo Pe. João Fuchs e Pe. Pedro Sacilotti. Paralelamente às várias investidas, os missionários produziram relatórios detalhados para documentar e informar as autoridades dos progressos de suas tentativas de aproximação.

Esse primeiro grupo encontra um grupo de jovens Xavante e distribui presentes diversos. Quando chegaram os líderes do grupo, não tiveram mais presentes e os demais companheiros do barco chegaram atrasados. Diante disso, os dois padres foram assassinados com pancadas de bordunas, a 1º de novembro de 1934.

Outra tentativa se realizaram entre os anos de 1937 a 1942, pelo Pe. Hipólito Chovelon, com os companheiros Me. Francisco Fernandes e o jovem Pedro Lachat. Ao todo, realizaram seis expedições pelo Rio das Mortes à procura de contatos com os Xavante, naquele tempo ainda arredios aos contatos com os “brancos”. Recorrendo ao Presidente Getúlio Vargas e diversos ministros, o Pe. Chovelon consegue os subsídios financeiros para essas expedições à procura dos Xavante.

Em troca disso e para prestar contas das verbas recebidas, o Pe. Chovelon elaborou um relatório depois de cada

Sobre o autor:

Dr. Pe. Georg Lachnitt é salesiano, diretor do Neppi/UCDB, responsável pelo Centro de Documentação Indígena da UCDB e Editor da Revista Tellus.
E-mail: lachnitt@ucdb.br

¹ Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil.

expedição informando o Presidente do Brasil sobre o avanço do esforço de contato daquele povo, que, depois de ser confinado em acampamentos no Goiás, sobretudo nos anos de 1800, fugiu para Mato Grosso e refugiou-se à margem esquerda do Rio das Mortes e, durante longos anos, rechaçou qualquer intruso de qualquer origem que fosse.

Tendo alcançado passos significativos logo na primeira expedição, essa tentativa foi perdendo cada vez mais possibilidades, uma vez que já naquele tempo entraram naquela região as “Bandeiras”, entre elas sobretudo a Bandeira Itapetininga, que agrediam os indígenas com tiros e que resultou na fuga deles para o interior daquela região. Por isso, sem sucesso nenhum, a expedição de 1942 foi a última sem resultado de encontrar os indígenas.

Os relatórios elaborados e enviados ao Presidente da República mostram-nos detalhes interessantes da coragem e ousadia dos missionários com o único objetivo de se aproximar deles para fins unicamente pacíficos. Admiramo-los por terem tido a coragem de gastar longos meses durante seis anos sucessivos.

O desafio de uma aproximação pacífica tornou-se sempre mais uma exigência diante do avanço da conquista do interior do país. Assim, em 1941 o governo enviou uma expedição do SPI, chefiada por Genésio Pimentel Barbosa, que entrou no território Xavante a que os silvícolas reagiram em 6 de novembro de 1941. A equipe foi surpreendida por uma emboscada, e todos foram mortos. Os Xavante não queriam mesmo os invasores em seus territórios. Em julho de 1946, o perito sertanista Francisco Meirelis, com muita cautela, conseguiu progressivamente aproximar-se de um grupo e teve contatos permanentes com eles.

Outros grupos mais ao sul não foram contatados, nesses termos, mas perseguidos por aviões e expedições paramilitares (1948). Esses se entregaram em fim aos missionários junto aos Bororo em Merúri, aos 04 de agosto de 1956 e, daí, aos 22 de fevereiro de 1957, em Sangradouro, também Salesianos. Depois de terem se recuperado de suas doenças e a alegria de viver, segundo as suas tradições culturais, começou paulatinamente o esforço de retornarem às suas terras originárias, o que foi possível nos anos de 1970 até 1990, sem falar da área de Marãiwatsédé, que significou uma longa luta de mais de dez anos, que se finalizou somente com intervenção de polícias diversas e do próprio exército em 2012.

A seguir serão apresentados os seis primeiros relatórios do Pe Chovelon, datados de 1937 a 1942, além da Carta ao Presidente Getúlio Vargas, de 1938. A seção Documento dos próximos números da Revista Tellus apresentará os relatórios do Me. Francisco Fernandes e do Pe. Pedro Sbardellotto.

RELATÓRIOS DO PE. HIPÓLITO CHOVELON

APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Hipólito Chovelon nasceu em Lion, na França, aos 07 de julho de 1884. Em 1901 esteve cursando o ginásio em Montpellier. Decidido a tornar-se salesiano, foi a Avigliana, na Itália, para fazer o noviciado. No mesmo ano porém passou aí o Pe. Antônio Malan que o levou ao Mato Grosso. Retornando ao noviciado e continuando seus estudos fez, em seguida, três anos de tirocício em Corumbá.

Depois da ordenação presbiteral em 1914, por Dom Carlos d'Amour, em Cuiabá, exerceu atividades pastorais em Corumbá até 1930. Como itinerante percorreu todo sul o Mato Grosso, sendo também o primeiro pároco salesiano de Campo Grande. É neste tempo que ele colheu os dados para seus estudos da língua Guarani, língua amplamente falada naquele tempo no sul do Mato Grosso, sobretudo pelas populações do interior.

De 1930 a 1948 trabalhou na Prelazia do Registro do Araguaia, sob as ordens de Mons. Couturon. Relacionou-se com os índios Bororo e Carajá. Mas seu grande esforço foi dedicado à aproximação dos então terríveis índios Xavante. Deste seu esforço testemunham os relatórios que a seguir está sendo colocado em público, comprovando detalhadamente seu trabalho, sua metodologia de aproximação e também as dificuldades encontradas que impediram efetivar mais solidamente a contactação com os citados índios.

De 1948 a 1961 esteve no colégio de Guiratinga, tempo em que se dedicou a registrar por escrito mais sistematicamente os resultados de seus estudos sobre as línguas Guarani, Carajá e as primeiras tentativas da Xavante. O acervo de seus escritos encontra-se hoje depositado no Museu Regional Dom Bosco, de Campo Grande. Além dos estudos lingüísticos ele compilou numerosas cartas topográficas dos rios e regiões que ele percorreu. Estas foram recebidas pelo Instituto Geográfico do Brasil, de que ele foi membro efetivo.

Por motivos de saúde foi transferido em 1961 para Campo Grande onde durante um ano pude colher tantas informações de seus trabalhos missionários, em conversas informais. Foi aqui que ele chegou a falecer aos 13 de junho de 1966, com 82 anos de idade.²

² Estas informações foram colhidas da "Carta Mortuária" escrita pelo Pe. Walter Bocchi com data de 15 de julho de 1966.

Nas expedições de que falam os relatórios abaixo, o Padre Hipólito Chovelon esteve acompanhado pelo Mestre Francisco Fernandes um salesiano leigo, pelo aspirante a salesiano Pedro Lachat e pelo auxiliar, Ladislau da Rocha Cardoso.³ De Me. Franscico Fernandes segue a próxima parte desta publicação. O Sr. Pedro Lachat ainda vive em Cuiabá, embora impossibilitado de testemunhar devido à saúde precária dele.

Pe. Georg Lachnitt

Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República

Tenho a subida honra de apresentar a V. Ex.^o um resumido relatório sobre os trabalhos da Missão Salesiana entre os índios Xavante, conseguindo mais um encontro amistoso com este gentio, que espontaneamente apareceu ao Missionário aceitando e retribuindo presentes como prova de simpatia e amizade.

A expedição subiu o Rio das Mortes até mais de 140 léguas da sua barra com o Rio Araguaia, tomando notas interessantes sobre o percurso do Rio para guia das viagens futuras.

Realmente o Rio das Mortes percorre uma zona riquíssima de campinas e matas, próprias para lavoura e criação de gado. O povoamento depende tão só da pacificação dos índios Xavante que até agora fazem o terror dos moradores das vizinhanças pelas suas correrias e ataques traiçoeiros. Daí percorre a necessidade urgente de amparar a Missão Salesiana que já tem obtido um encontro amistoso, afim de favorecer-lhes os meios de uma penetração mais eficaz, tendendo ao aldeamento e educação da tribo Xavante, abrindo assim esta imensa zona entre os Rios Xingu e Araguaia aos progressos da nossa civilização.

É, pois, obra eminentemente patrística, e por isto não duvido que V. Ex.^o, cujas vistas estão lançadas para este Oeste tão futuroso e de grandes reservas para o Brasil, saiba compreender o alcance desta avançada pacífica e conquistadora.

Tomo a liberdade de ilustrar este relatório com vistas fotográficas tomadas durante esta última viagem e com mais duas flechas doadas pelos índios Xavante ao Missionário no dia 27 de outubro. São os primeiros presentes que

³ Cf. SOUZA, Lincoln de. *Os Xavantes e a Civilização* - ensaio histórico. Rio de Janeiro: Serv. Gráf. do Instituto Br. de Geografia e Estatística, 1953, p. 29.

algum branco tenha recebido desta tribo e já é um indício favorável da sua próxima pacificação.

Idêntico relatório foi expedido ao Ministério da Educação e Saúde Pública para o processo de subvenção da Missão Salesiana entre os índios Xavante.

Com sentimentos de profundo respeito, subscrevo-me

de V. Ex.º

At.º e ded.º servidor

Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1.938

Assinado: Padre Hipólito Chovelon,
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.937

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE, MATO GROSSO.

É grande satisfação minha informar a V.Ex.^o sobre os trabalhos da Missão Salesiana entre os índios Xavante no Rio das Mortes, Estado de Mato Grosso, e sobre os seus progressos durante o ano findo de 1.937.

Desta vez pudemos passar três longos meses nesse deserto verde, que é o Rio das Mortes, pois não há um só morador que tenha coragem suficiente para ali estabelecer a sua tenda.

Pela primeira semana do mês de agosto já estávamos sulcando as águas deste grande rio. E desde logo percebemos a presença dos Xavante ao nosso lado.

Certo dia, a 15 de agosto, os meus companheiros foram à procura de uma onça que nos havia saudado na véspera, à nossa chegada. Levaram horas no mato, e nem rasto sequer encontraram da fera. Era simplesmente o índio que os estava enganando.

A 17 de agosto chegamos à Barreira dos Padres, a 55 léguas da barra do Rio. A cruz derrubada pelos índios continuava no mesmo estado. Cobrimo-la de presentes. Depois acendemos um fogo na margem do rio; os índios responderam, fazendo levantar leve coluna de fumaça, porém muito longe.

Esperamos alguns dias, e, como não queriam aparecer, seguimos a nossa viagem.

A 21 de agosto aportamos em São Domingos, lugar aprazível à margem direita do Rio das Mortes, a 77 léguas da barra. No dia seguinte, como fosse domingo, subimos o morro São Domingos, e lá gozamos belíssimo espetáculo. O morro é todo rodeado de matas de babaçu e ao longe estende-se imensa planície que acompanha toda a margem direita do Rio das Mortes desde o rio Pindaíba até a barra do rio.

Em diversas ocasiões tivemos ensejo de verificar a continuidade desta planície, recortada de corrixos, capões, lagoas, representando assim grande riqueza para criação de gado.

Ao poente, muito longe, estende-se a grande Serra do Roncador, linha divisória entre as águas do Xingu e do Rio das Mortes.

Nas fraldas do morro vimos rastos dos índios Xavante à procura de cocos de babaçu.

Em vista disto resolvemos levantar ali a nossa casa. Aproveitamos alguma madeira já cortada pelos nossos predecessores que já haviam notado a beleza do lugar e a melhor aproximação da zona dos índios. Ao lado do rancho incipiente deixamos uma plantação preparada para receber as sementes que íamos buscar em Santa Terezinha.

A 7 de setembro chegamos a este lugar, à 102 léguas da barra do Rio das Mortes, na margem direita.

O nosso batelão sofrera avarias sérias passando pelas pedras do travessão São Rafael de difícil passagem. Perdemos alguns dias a consertá-lo e fomos fazer explorações pelo interior. Assim vimos que a planície que acompanha o rio passa não longe de Santa Terezinha continuando além, até o rio Pindaíba. Fomos ver as ruínas do incêndio do ano anterior e nos restos da plantação encontramos ainda raízes e sementes que pomos de lado para levar de volta à São Domingos.

A 11 de setembro estudamos o rio Pindaíba que nasce na Serra do Fogaça perto da barra do rio das Garças, reunindo águas de diversos córregos como o Fogaça, o Insula, o Taquaral, e corre para o norte até encontrar o Rio das Mortes, subimos pelo seu leito umas quatro léguas, e logo desistimos pelas dificuldades de navegação. Nesta época tem pouca água e muitos travessões secos.

A 16 de setembro, estudando o rio Santo Antônio, (que depois verificamos, ser o rio MOARI, dos Bororo,) à margem esquerda, cuja barra está a 125 léguas, Rio das Mortes acima. Entramos nele por mais de seis léguas com a nossa canoa e desistimos pelas muitas e fortes corredeiras, esbarrando numa cachoeira grande.

A 21 de setembro alcançamos a Ilha do Coco, a 136 léguas. Esta ilha é notável pelo seu comprimento, dois quilômetros, suas margens elevadas e a abundância de cocos babaçu de onde lhe vem o nome.

A 23 de setembro passamos pelos campos do Araés, a 136 léguas. Ali vimos alguns trabalhos de garimpos à margem direita, levados a efeito pelo Sr. Antão da Balisa; e, logo adiante, os marcos da expedição Morbeck, que deixou no interior um campo de aviação de cerca de 400 x 150 m.

Mais adiante, a 141 léguas, alcançamos um largo do Rio das Mortes, de um quilômetro, terminando em um apertado de muralhas naturais de pedras

finas e pitorescas. Ali, pelas muitas dificuldades de navegação, paramos e consertamos mais uma vez o batelão. Com a canoa, porém, subimos mais duas léguas, passando mais dois apertados lindíssimos e perigosos, até alcançar a barra do rio Noedori, pela margem esquerda, e, logo acima, magnífico salto de cerca de um metro de altura, no Rio das Mortes. Entramos ainda uma légua no rio Noedori e iniciamos a viagem de retorno que devia nos trazer as maiores consolações acerca dos nossos caros índios, fim da nossa viagem.

Passamos a 30 de setembro em Santa Terezinha, onde recolhemos ramas e sementes para a nossa plantação de São Domingos.

A 4 de outubro estamos no travessão São Rafael, a 92 léguas da barra do Rio das Mortes. A margem esquerda desemboca o rio São Rafael, entramos nele; é muito sinuoso; percorremos 15 léguas subindo o rio, e regressamos, com 3 dias de viagem.

Ali, perto da barra do rio São Rafael, a meia légua do Rio das Mortes, encontramos dois acampamentos dos índios Xavante. Cada um tinha 15 choupanas pequenas, mais ou menos altura de um homem, agrupadas de três em três, com sinais de fogo no meio das três. O acampamento parece servir para a época das caças, e ali os índios demoram-se um mês ou dois apenas. As choupanas são muito rudimentares.

A configuração do terreno e certo caminho encontrado fizeram-nos conjecturar que a aldeia dos Xavante devia encontrar-se além de uma serra que ali se avistava e distante de 4 a 6 léguas.

A 11 de outubro estamos em São Domingos. Demos ali alguns retoques em nossa casa e deitamos ao chão as mudas trazidas de Santa Terezinha. Percebemos sinais de passagem por ali da bandeira Anhanguera, de São Paulo, chefiada por Hermano Ribeiro da Silva.

Dois dias depois encontramos a retaguarda da mesma bandeira, acampada 4 léguas abaixo de São Domingos. Passamos juntos durante dois dias trocando nossas impressões sobre a viagem, os Xavante e a localização de suas aldeias.

A bandeira faz a penetração por terra e gentilmente oferece condução ao meu companheiro, o Rev. P. José Nunes Dias. O que combinamos de mútuo acordo e assim a Missão recolherá informações de ambos os lados.

A 15 de outubro nos separamos, a bandeira vai por terra e eu com os meus companheiros prossigo por água esperando brevemente o contacto com o índio.

A 20 de outubro estamos na Barreira dos Padres e grata surpresa nos espera. De longe ainda, os nossos olhares perscrutam o lugar do cruzeiro.

Desejamos tanto ver o índio. Uma cousa, porém, chama a nossa atenção; vaga, e, à medida que nos aproximamos mais precisa. Não há mais dúvida; o cruzeiro, que deixamos deitado ao chão, está de pé. Ao redor, amarrados nele, vemos flechas e mais outros objetos.

Apressamos a marcha; subimos a barreira, estamos enfim ao pé do cruzeiro. Está muito bem fincado ao chão e ornado com uma flecha, 4 taquaris, ou taquarinhas, próprias de fazer flechas, mais dois cestinhos da palha de buriti, e 4 ventarolas de palmeiras trançadas. Os meus presentes desapareceram, os Xavante levaram-nos e puseram os seus em seu lugar, sobre a cruz por eles erguida. E a travessa da cruz? Procuramos por toda a parte; desapareceu. Quantas emoções estes fatos fizeram brotar em nossos corações! Os Xavante aceitam os presentes do Missionário e retribuem com os seus próprios, é sinal de amizade. O desaparecimento dos braços da cruz é também bom sinal. O índio quer a paz, não trança os paus no caminho, não faz a cruz; só o pé está erguido, é a paz!

Gastamos o dia seguinte em uma longa penetração pelo interior. Descobrimos mais dois acampamentos de 24 choças cada um; nada porém de índio; está mais longe. Continuamos a nossa viagem, estudando as margens do rio e seus numerosos lagos em ambas as margens.

A 27 de outubro, descíamos o rio tranqüilamente, quando pouco antes do meio-dia duas flechas partem da mata da margem direita e vieram cair diante da proa do nosso barco. Olhamos o lugar donde partiram as flechas; os Xavante ali estavam, de pé, arcos e flechas na mão, meio escondidos pela mata marginal direita, olhando em paz a nossa passagem. As duas flechas eram aviso de presença.

Dirigimos os nossos barcos numa praia à margem esquerda, frente aos índios. Mando preparar o acampamento e no entanto recolho alguns presentes e volto aos índios. À minha chegada à margem direita, os índios se retiram e se escondem no mato.

Chamo repetidas vezes com palavra amiga, mas não se mostram. Em vista disto deixo em sua frente os presentes à eles destinados e regresso à margem oposta. Quando os índios viram-me à certa distância, vieram tomar os presentes que admiraram com curiosidade olhando de vez em quando para o nosso lado.

Em certo momento, um deles aproxima-se mais do rio e apresenta bela peça oratória. Na mão direita levanta um punhado de flechas, que parece ofertar. Se não entendemos as palavras em uma língua completamente desconhecida, bem percebemos a sua intenção de querer retribuir os presentes

com suas flechas. Fizeram-nos compreender, mais por mímica do que por palavras, que deixava as flechas fincadas na praia, o que logo ele faz. Após pequeno intervalo dirijo-me novamente à margem direita. Os índios se retiram e desaparecem. Recolho as flechas, deixo novos objetos e regresso. Os índios vem e tomam os presentes. Repete-se a cena das flechas e a troca de presentes de ambas as partes por cinco vezes neste dia. Assim os índios recebem numerosos cobertores, roupas, fazendas, lenços, facas, facões, anzóis, linhadadas, espelhos, colares, tesouras, brinquedos, e também alguns machados, foices, enxadas, etc. E o Missionário recolheu algumas flechas.

Notamos também neste dia a presença de outro grupo de índios às nossas costas, na margem esquerda. Mandam eles suas flechas de aviso e levamos alguns cobertores e mais objetos na mata marginal. De manhã tudo havia desaparecido.

Pernoitamos em frente aos índios, ou melhor, entre os índios, pois tínhamos um grupo em frente e outro nas costas. Tivemos sentinelas alertas. A noite, porém, foi sossegada.

De manhã, após a Missa campal, renova-se a cena dos presentes. Durante a noite o número dos índios havia aumentado e assim vimos à nossa frente um número deles superior a 30, e sem nenhum sinal de hostilidade. A certo momento começaram a imitar algum animal da floresta e os meus companheiros logo a remendá-los. Assim neste original exercício vimos desfilar em nossa frente grande número de animais e pássaros. A onça que tão bem nos soube enganar no começo da viagem, então apareceu.

Mas os índios da margem esquerda, talvez quisessem mais presentes, pelo meio-dia mandam-nos mais duas flechas de aviso, e infelizmente uma delas veio ferir-me no braço esquerdo, atravessando-o de parte a parte. A hemorragia foi grande, mas não houve conseqüências desagradáveis e em quinze dias a ferida estava completamente cicatrizada. Houve um natural alvoroço no meio dos meus companheiros; com muita calma e energia consegui tranqüilizar a todos.

Um fato notável deu-se então. À margem direita, um índio, o chefe, fez uma longa fala, enérgica, em voz muito alta.

Sem dúvida interpela seus irmãos da margem esquerda, explica que somos amigos. De fato, tudo entra em ordem e volta a tranqüilidade.

Após o curativo de minha ferida, resolvemos levantar acampamento, pois a chuva ameaça, o frio sobe, a praia desaparece, o nosso pouso torna-se impróprio. Os nossos mantimentos estão também nas últimas, a fome ameaça. Com marcha forçada alcançamos o rio Araguaia, onde encontramos um pouco

de alimentos nos poucos pousos, o necessário para alcançarmos Araguaiana após 5 longos meses de penosa viagem.

Eis aí o resultado dos nossos esforços durante este ano findo. Vejo confirmadas as minhas impressões do ano inteiro. O índio Xavante vem se aproximando do Missionário. Desta vez foi ele que deu sinal de presença pelas duas flechas mandadas diante de nosso barco e foi ele que ergueu o cruzeiro dos padres, enfeitando-o com presentes. São estes os primeiros presentes deixados pelos índios Xavante.

O índio ainda não se sente muito seguro conosco, pois afasta-se quando queremos chegar mais perto dele. Mas pouco a pouco há de se aproximar cada vez mais para receber mais carinhos, amparo e instrução que o Missionário lhe vem trazer.

Já este ano começamos a nossa moradia com plantação anexa. Os moradores do Araguaia seguem curiosos os nossos passos, esperando a ocasião oportuna para se estabelecerem no Rio das Mortes, ao nosso lado.

Por observação nossa, será fácil ligar por terra o nosso rancho de São Domingos no Rio das Mortes, com o povoado de São José do Araguaia, por uma estrada de pouco mais de 10 léguas. Ficamos ligados a Cocalinho por vinte e poucas léguas e por 40 até o porto de Leopoldina. Outra estrada pelo interior pode ligar diretamente com Araguaiana, com 50 ou 60 léguas.

Os terrenos entre os rios das Mortes e o Araguaia prestam-se admiravelmente à criação de gado pela beleza de suas campinas. Possui também matas muito boas que hão de sustentar seus moradores. As aguadas são numerosas e excelentes.

Os caboclos dos sertões adjacentes de Goiás e Mato Grosso olham com inveja estas campinas imensas e só esperam a pacificação da numerosa e belicosa tribo dos índios Xavante. É a marcha para o centro, para o Oeste, que existe já nesta zona.

Os Xavante, no mês de junho último, percorreram a zona sul do território, margeando a estrada que vai de Goiás a Cuiabá. No caminho encontraram os Bororo, tinham a seu favor a surpresa e o numero, eram 20 contra 3. Pois pela primeira vez, talvez, os Xavante não aproveitaram da sua superioridade. Lançaram algumas flechas, avisando por elas os Bororo de sua presença, levantaram-se e retiraram-se pacatamente perante os Bororo admirados.

Poucos dias depois este mesmo grupo de Xavante encontrou um rancho em seu caminho. Eram civilizados. Os índios atearam fogo no rancho após ter morto seus moradores. É sempre o ódio do branco que anima o índio; o ódio da carabina malfazeja que o procura na mata qual onça perversa.

Espero por estes fatos que V.Ex.^o há de fazer-se uma idéia certa da conveniência da penetração pacífica dos Missionários Salesianos nesta zona imensa e rica do nosso interior, a oeste, a penetração que há de congregar os índios Xavante, fazendo-os amigos e bons brasileiros, como já se tem feito com os Bororo, abrindo deste modo nova e imensa zona para a agricultura, a criação de gado, fazendo aparecer as lendárias e ricas minas do Rio das Mortes para vantagem e riqueza do nosso Brasil.

E por esta idéia e por esta conveniência deixo ao alto critério de V. Ex.^o o escolher e determinar os meios de amparar a Missão Salesiana entre os índios Xavante afim de aumentar a sua proficiência e seus frutos.

RELATÓRIO DE 1.938

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Ao terminar esta última penetração nas matas do Rio das Mortes, venho cumprir o grato dever de comunicar de V.Ex. os frutos de maior relevo e os resultados da nossa avançada.

Este ano findo foi um ano de dificuldades e de contrariedades sem fim.

Desde o início da viagem, no mês de junho, a lentidão dos transportes nos fez perder longos e preciosos dias.

No fim de junho, ao experimentar os dois motores de popa, estes negam o seu serviço, as bombas de comum acordo não funcionam, após várias tentativas baldias, foi preciso lançar mão de um tanque de água provisório ligado ao motor afim de refrigerá-lo.

Ao sair de Araguaiana escapamos de um grande prejuízo, de um desastre. É que passando pela Cachoeira Grande, o motor falhou e fez perder a direção da embarcação que foi batendo de pedra em pedra, jogando três homens na água e parte da nossa carga. Felizmente encarando o perigo com calma e sangue frio pudemos tudo recuperar. Um camarada, porém, meio atordoado, desce a correnteza entre duas águas, podendo afinal agarrar-se a um rochedo já à beira do grande rebojo que termina a cachoeira. Após duas horas de bom descanso, fazendo secar ao sol as nossas malas lavadas pelas águas, pudemos enfim continuar a nossa viagem.

Pelo fim de julho pude completar a comitiva de onze pessoas e deixar o porto de Leopoldina.

Ainda no Araguaia, por um descuido do motorista, a tampa do carburador cai na água e desaparece nas profundidades do rio. Sério problema! Após várias experiências achamos a solução: o motor torna a funcionar com uma tampa de madeira talhada a canivete.

Descemos o Araguaia com vagar, afim de poder encontrar o correio que vem do Conceição do Araguaia uma vez por mês. Talvez nos traga notícias de dois Xerente que esperamos desde o princípio de julho para servir-nos de intérpretes com os Xavante.

Encontramos com o correio à 9 de agosto; os Xerente não haviam aparecido! E haviam prometido a sua cooperação.

No mesmo dia entramos no Rio das Mortes.

No dia seguinte, 10 de agosto, encontramos um grupo de mariscadores a pegar peixes com auxílio de vários Carajás, nossos amigos. Entre estes havia os capitães Maluá, Zé Caolho, Severo, Crumaré. Deram-nos notícias dos Xavante, que não estavam muito longe, diziam, parecendo esperar alguém. Seguimos rapidamente com a esperança de encontrá-los.

A 11 de agosto entramos em um beco do rio à margem esquerda, não sabendo com certeza se fosse algum afluente. Após três horas de viagem, voltamos ao mesmo rio acima, verificando tratar-se de um braço do Rio das Mortes; é o furo “Dom Malan”, que nos fez evitar umas pedras muito perigosas.

A 12, já à tarde, chegamos à Ilha dos Xavante, onde foram eles encontrados em 1.935. Ali encontramos várias jangadas dos Xavante, sinal da passagem recente deles. Na praia havia restos de acampamento da bandeira Piratininga. Fomos pousar pouco adiante.

No dia seguinte, cedo, encontramos a bandeira, atracamos as nossas embarcações para conversarmos. Soubemos que na véspera haviam encontrado um grupo de Xavante, tendo havido uma rusga séria com eles. Mostraram-nos um deles bem machucado nas costas, pelo cacete dos Xavante, e um índio Carajá com o antebraço varado por uma flecha. Os bandeirantes logo disseram não haver atirado contra os índios, tendo-se contentado conservá-los à distancia, com foguetes, bombas, e alguns tiros no ar. Outras notícias que recolhemos no fim da viagem e por eles deixadas pelo caminho, mostram que o encontro foi bem mais sério.

Neste dia 13 de agosto fomos pousar, quase à noite, em frente à Barreira dos Padres, onde os padres Pedro Sacilotti e João Fuchs foram trucidados pelos Xavante a 01-11-34. Ali falhamos dois dias por serem domingo e dia santo. Fomos visitar o lugar de tão triste recordação. O cruzeiro reerguido pelos próprios índios em 1.937 estava sempre de pé. Nem sequer um sinal da passagem dos índios. Fizemos levantar várias fumaças para chamar o índio. Não houve resposta. Visitamos mais dois longos furos de parte e outro do rio, deixamos presentes para os índios ao pé da cruz e seguimos rio acima.

A 17 de agosto chegamos em São Domingos. Encontramos o nosso rancho bem conservado. A plantação não dera resultado pelo longo abandono e falta de trato em que estivera. As formigas haviam tudo devorado.

Fizemos nova derrubada. Demos uma grande volta de 5 léguas a pé ao redor do morro de São Domingos. Do outro lado do morro encontramos

um acampamento dos Xavante; era do ano anterior e abandonado. Nenhum rasto recente.

A 23 de agosto continuamos viagem rio acima. À nossa partida levantou-se uma fumaça não muito longe. Os índios estavam por ali investigando a nosso respeito, mas não se deixaram ver.

No dia seguinte chegamos à cachoeira e ao rio São Rafael. Ali estavam uns bandeirantes de guarda às embarcações deles. A comitiva havia seguido por terra e aguardavam a volta deles. Em vista disso regressamos, passando rapidamente em São Domingos e na Barreira dos Padres.

Por pouco de alcançarmos a Ilha dos Xavante, paramos no lugar do encontro do ano anterior. Perto da prainha onde havíamos trocado presentes com os Xavante, encontramos um parí, ou antes uma caiçara, ou cerca tosca feita de paus quebrados e fincados ao chão afim de fechar o caminho dos peixes para não voltarem ao rio e guardá-los na lagoa. Nesta lagoa havia vários giraus sobre as águas, de onde os índios vigiam e flecham os peixes na água. Nas margens encontramos boa quantidade de pedaços de cipós timbó de que usam para tinguijar as águas e entontecer os peixes facilitando a sua apreensão.

Ali, sobre rastos recentes, do tempo da nossa subida e da passagem da bandeira, deixamos presentes para os índios.

Na Ilha dos Xavante fizemos várias entradas de lado e de outro do rio.

Pela margem esquerda, achamos atrás de uma ilhota um braço do rio. Por ele entramos boa légua até seu fim e encontramos um caminho bem trilhado pelos índios. Indo por ele chegamos a um acampamento de umas 43 choças, e, perto, um córrego com muita água e muito comprido. Examinamos bem os rastos dos índios, vimos que eram do tempo da passagem da bandeira e que, depois, os índios haviam desaparecido sem deixar indicação alguma da direção que haviam tomado.

Na margem direita, vimos outro acampamento perto da margem. É ali que houve a rusga entre os índios e os bandeirantes. Não havia choça alguma. Os índios estavam bem abrigados pela mataria alta, bem copada, com muitos jatobás, cujas cascas de fruta encontramos com abundância.

Seguimos pelo caminho dos índios. Meia légua adiante encontramos a barreira alta e bela do rio; subimos e fomos mais meia légua por baixo da mata e do cerrado. Com grande surpresa nossa encontramos cápsulas de fuzil no chão: os bandeirantes haviam passado por ali. Mais adiante o cerrado estava recém-queimado, o caminho desaparecia perdendo toda direção. Voltamos atrás.

Enquanto fazemos estas várias explorações, acendemos fogos na Ilha dos Xavante em meio do rio. Com nosso grande pesar, não houve resposta; os índios estavam longe, ou não quiseram responder.

A 31 de agosto determinamos voltar a São Domingos. De manhã cedo, na hora da partida, quatro dos meus camaradas resolveram desistir da viagem e regressar às suas famílias. Pairava no ar qualquer dúvida sinistra a respeito das intenções dos Xavante.

Pelos indícios, pelas poucas palavras trocadas com os bandeirantes, via-se que os índios estavam descontentes com o ataque sofrido. Podia-se rezear qualquer reação por parte deles, que então não fariam distinção entre os viajantes do rio. Este termo, aliado a uma forte saudade da família, causada pelo isolamento, é que levou estes homens ao regresso. Nem as minhas palavras, nem o exemplo dos que ficaram comigo os detiveram. Voltaram. E nós fomos rio acima. Éramos ainda seis pessoas.....

No dia seguinte passamos na barreira dos Padres. Os presentes estavam no mesmo lugar, intactos; nenhum sinal de presença. Fomos adiante.

No dia 2 de setembro explode um motor. O “cartor” racha em toda a sua largura, um pedaço salta no rio. Dentro, uma biela e um mancal com parte do virabrequim quebrados. Não há conserto. Amarro os dois batelões. Um motor só arrasta bem os dois barcos. Embora mais devagar, vamos adiante.

Chegamos novamente em São Domingos, com dois homens doentes. Com descanso e tratamento tudo passou. Neste mês de setembro tive que cuidar, um após outro, dos cinco homens que me ficaram. Assim mesmo, com vagar, pelos convalescentes, podem aumentar a nossa casa, queimar a roça e nela lançar novas sementes.

Desta vez o fogo da nossa queimada respondeu outro fogo à esquerda. Os Xavante estavam ali. Em certo dia em que exploramos uma boca de lago e o interior deste, avistamos nova fumaça dos índios. Chamamos, procuramos, deixamos presentes, mas dias depois, encontramos tudo intacto. Fizemos também longas excursões pelo interior. Nada mais conseguimos.

A 26 de setembro resolvemos voltar, já começavam as chuvas. Passamos mais uma vez na Barreira dos Padres, onde paramos uns dias sem resultado. Demoramos mais uns dias na Ilha dos Xavante, percorrendo novamente os lugares já conhecidos. Os presentes lá estavam como havíamos deixado.

A 7 de outubro, na véspera da nossa saída do Rio das Mortes, ainda avistamos mais uma fumaça dos índios em nossa frente. Era tarde, na hora do pouso, e choveu durante a noite toda. De manhã foi-nos impossível reconhecer qualquer indício dos índios pelo mato a dentro.

Em outubro e novembro, tomando novo pessoal, mais descansado, consegui levar a efeito uma longa penetração por terra nas adjacências do Rio das Mortes. Por ela verifiquei como neste ano os Xavante andaram muito cautelosos em não deixar vestígios seus pelos campos por onde tem andado.

Agüentamos com chuvas abundantes e fortes temporais durante toda a primeira quinzena de outubro e pudemos alcançar novamente Araguaiana a 26 de novembro.

Por estas notas de viagem pode V.Ex.^o ver e aquilatar os sacrifícios superados felizmente por esta última expedição. Também ressalta à vista a inutilidade da entrada de “bandeiras” nas zonas não ainda pacificadas. Em geral os seus componentes não tem bastante sangue frio, prática do sertão e tato para enfrentar a presença dos índios, o que origina rugas desagradáveis, como tivemos que lamentar nas bandeiras do Rio das Mortes em 1.937/1.938.

Desconfiados, os Xavante, sem deixar vestígios, percorrem os limites do seu território, para sondar os moradores da sua vizinhança. Vítimas pelas bandeiras são estes pobres moradores. A passagem dos índios este ano tem assustado várias famílias. Contra as bandeiras reage o índio, recobrando a ferocidade contra os brancos; e sinto-me grandemente surpreendido em ter suportado lutas diretas com o gentio. Sabiam muito bem onde andava eu com a minha reduzida comitiva, pois por cinco vezes percebemos claramente que estavam ao nosso lado. E não fizeram ato algum de hostilidade para conosco. Isto vem provar mais uma vez de como o índio sabe distinguir as intenções dos viajantes do Rio das Mortes.

Pelo acontecido nestes últimos anos, ousarei pedir a V.Ex.^o fosse realmente mantida a proibição da entrada de qualquer comitiva que demandasse o Rio das Mortes. E isto afim de não porem obstáculos aos que tratam “ex ofício” do magno problema da civilização dos nossos indígenas.

A Missão Salesiana continuará neste ano, com pessoal de inteira confiança, até ultimar as suas instalações no Rio das Mortes, para melhor estudar a índole dos Xavante e conseguir uma definitiva aproximação que possa dar início à educação desta nova tribo.

RELATÓRIO DE 1.939

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA ENTRE OS ÍNDIOS XAVANTE

Encetamos a viagem deste ano ao Rio das Mortes com a compra de um batelão grande e novo, construído nos estaleiros de Santo Amaro, em São Paulo, e com um novo motor Penat, afim de reforçar e garantir os dois velhos já com três anos de uso cada um.

A 29 de julho iniciamos a nossa jornada, partindo de Araguaiana com os augúrios de boa viagem dos nossos Irmãos e da população.

Em Leopoldina encontramos a comitiva do Capitão Flaviano de Matos Vanique, que ia até o porto de Santa Isabel, na Ilha do Bananal, afim de preparar ali a chegada do Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas, DD. Presidente da República, em visita ao interior do Brasil.

O bravo Cap. Vanique estava em apuros, pois em Leopoldina não encontrou condução alguma para a Ilha do Bananal, apesar do que lhe haviam prometido em Goiânia. Nestas circunstancias vim oferecer-lhe um batelão que já havia adquirido como auxiliar do meu, e na última hora coloquei nele um motor de popa de que podia dispor, facilitando, desta forma, a viagem de sua distinta comitiva.

Na descida do Araguaia, já encontrei as primeiras dificuldades. Um companheiro de viagem, moço cheio de entusiasmo e de força, sucumbiu à perfídia da febre maleita, que nele se manifestou com muitas dores e paralisia de todo o lado esquerdo, ameaçando o próprio coração. De pouco que vale-ram os remédios que lhe foram administrados em viagem. E é neste estado de profundo aniquilamento e de dor que alcançamos o porto de Santa Isabel.

À nossa chegada a comitiva do capitão Vanique veio pressurosa nos receber, mas a sua alegria mudou-se em sincera tristeza à vista do estado de Yves Bernanos, que já souberam estimar nos dias de nossa permanência em Leopoldina. Procuraram aliviar suas dores, mas vendo inúteis os seus esforços, reconheceram que nestas condições não podia continuar a viagem pelo sertão e prontamente cederam um lugar ao pobre moço no avião esperado e que devia seguir no dia seguinte. Profundamente grato por este ato de gene-

rosidade, aceitei a oferta, e Yves Bernanos foi carregado no avião no dia 24 de agosto. A viagem com a mudança de clima fez-lhe muito bem e com bons tratos no Rio em pouco tempo se restabeleceu.

No dia seguinte prosseguimos a nossa viagem, entrando no Rio das Mortes para nos aproximarmos dos índios Xavante. No primeiro dia de setembro um motor recusou funcionar, tinha uma vela queimada e os mancais muito roídos. Nestas alturas o remédio foi deixar uma embarcação com o motor inutilizado e caixas de gasolina escondidos no mato e seguir só com o batelão grande. Já outro motor havíamos deixado em Santa Isabel, inutilizado na descida. Deste modo o motor novo suportou todo o peso da viagem.

Nos aproximamos da Ilha dos Xavante onde houve o atrito entre eles e a bandeira Piratininga no ano anterior. Nossa chegada foi pressentida pelos índios que levantaram várias colunas de fumaça. O campo de ambas as margens estava queimado. Vamos ao lugar da rusga. Entramos um pouco e fomos surpreendidos por uma flecha fincada no meio do caminho; os Xavante não querem que se passe além: é o sinal. Deixamos ali vários presentes, facas, cobertores, espelhos... outros deixamos na beira do rio, em vista, e mais outros sobre umas balsas na ponta da ilha. Tudo fizemos perscrutando os arredores, chamando, convidando os índios a virem, mas debalde.

No dia seguinte, 5 de setembro, examinamos a outra banda do rio, à margem direita. Havia rastos de índios. Também ali deixamos presentes. Passamos o resto do dia visitando a margem esquerda, penetrando pelo interior pelo caminho dos índios. Vimos sinais de restos de comida pelo chão.

Estavam conosco dois alemães, um deles fez parte da bandeira Piratininga e contou-nos como o chefe mandara atirar com a metralhadora sobre os índios três vezes. Eles queriam seguir até a aldeia aproveitando a nossa companhia, mas todos de acordo recusamos visto como os índios não aceitam a penetração no meio das famílias. Haja visto o que aconteceu com as bandeiras nos anos passado e atrasado. A nossa Missão consiste em alcançar o índio por bons modos e não à força. Mais tarde eles mesmos nos hão de conduzir a suas aldeias.

Renderam-se às nossas razões e no dia seguinte, como haviam combinado conosco, regressaram rio abaixo em suas canoas para Santa Isabel. Alcançaram a comitiva do Capitão Vanique na barra do Rio das Mortes e a ela se incorporaram.

À noite deste dia, 6 de setembro, fomos surpreendidos por dois fogos dos Xavante em ambos os lados do rio na altura do nosso acampamento na Ilha dos Xavante. Tocamos vitrola, respondemos com outro fogo, chamamos,

só o silêncio nos respondeu. Alta madrugada, vários bichos cantaram, jaós, mutuns, emas,... respondemos, imitando-os. Tudo cessou com o dia.

De dia fomos ver os presentes. Estavam intactos, nem sinal, nem rasto de índio. Perambulamos pelos arredores, mas nada mais houve. Subimos então mais um pouco rio acima até a praia do nosso encontro com os Xavante em 1.937, onde recebi uma flechada no braço.

Lá encontramos várias balsas em seco e rastos de índios. A tapagem do lago ainda estava, porém meio enterrada no lodo, e os matames ou giraus levantados no lago para dali flechar os peixes entontecidos pelo timbó. Andamos pelo interior, não havia caminho nem rastos. Deixamos presentes na árvore e fomos pousar em frente, à margem esquerda.

Lá também, no dia seguinte, 8 de setembro, percebemos rastos no fim da praia. Seguimos por eles bastante longe e acendemos um fogo convidando os índios. De fato, à noite estiveram ao nosso lado, acima e abaixo do acampamento, com cantos de marrecão, jacurutu, e outros. Respondemos e chamamos, então calaram. Os índios andam muito desconfiados com os tratos das bandeiras. A confiança que tão bem manifestaram em 1.936/ 1.937, ficando então dois dias em nossa presença, desapareceu, e será custoso conquistá-la novamente.

No dia 9 voltamos à Ilha dos Xavante, ainda recebidos com fumaças nas margens. Os presentes estavam no mesmo lugar. Fomos pousar na boca de um furo, meia légua abaixo.

No dia seguinte descemos por este furo, que é raso em muitos pontos. Descemos com vagar estudando, acendendo algum fogo pelo caminho. Em certo ponto percebemos rastos, fomos por eles, apesar de sabermos que podiam ser dos alemães que, em sua descida, por ali tentaram aproximar-se da aldeia.

Mas em pouco voltaram, e apressados... talvez suspeitando alguma cilada por parte dos índios. O dia todo passamos neste furo que deve ter umas 4 léguas de comprimento e só à noite regressamos ao acampamento. Durante o dia várias fumaças se levantaram em diversos pontos ao redor, mas ninguém ainda apareceu.

À noite, vários bichos estiveram perto de nós. Respondemos e fizemos música, e só. Esperamos pelo dia seguinte e como nada aparecia resolvemos subir novamente.

Na Ilha dos Xavante os presentes estão no mesmo lugar; no encontro, da mesma forma. Pousamos mais acima.

A 12 de setembro nos distraímos atrás de uma onça que pegou o melhor dos nossos cachorros e o matou num cipoal fechado. Não pudemos mais caçá-la por falta do cachorro mestre.

Também outras fumaças se levantaram em frente. Os índios nos acompanham, conservamos boa esperança, continuamos rio acima. O dia 14 esteve muito coberto de fumaças. Julgamos fossem os índios que estavam queimando a Barreira dos Padres, como em 1.936. Quando lá chegamos cedo, no dia seguinte, vimos o nosso erro. A barreira estava seca. A cruz sempre de pé, como os presentes do ano passado. O índio não passou ali ou não os quis tomar. Fizemos roçado ao redor da cruz e ateamos fogo para chamar o índio. No dia seguinte deixamos outros presentes na cruz e seguimos viagem no terceiro dia.

Fomos subindo devagar sempre alertas. Assim a 19, vasto incêndio lavrava no campo perto da Ilha do Pavor, era obra dos índios. Uma boa chuva veio apagar o fogo. A outro dia mais fumaça denunciavam seus autores. A 21, mais colunas de fumo nos acompanhavam. Os índios seguem os nossos passos.

Chegamos em São Domingos a 23 de setembro. Não esperávamos pelo triste acontecimento que nos aguardava. Um camarada levou um tiro de espingarda de um companheiro. Puro acidente de caça. Mas a ferida era muito grave. Toda a carga de chumbo com a bucha e pedaços de calça penetrou pela nádega direita abrindo grande e profunda brecha. O pobre ferido perdeu muito sangue e muito sofreu para regressar ao acampamento nos braços de seus companheiros aflitos. Esperamos alguns dias de melhora com tratamento adequado e tratamos do regresso para proporcionar-lhe melhores recursos.

Ocupados com os cuidados contínuos do nosso doente, não pudemos mais atender aos serviços do nosso rancho, nem continuar a viagem até São Rafael, onde está outra aldeia visitada pela bandeira Anhanguera, nem fazeremos excursões pelo interior.

Os índios ainda queimaram o campo atrás do morro São Domingos durante três dias. Respondemos por outros fogos.

No caminho da volta, ainda tivemos notícias dos índios, saudando a nossa passagem com novas colunas de fumo a 14 e 15 de outubro, em direção a um buritizal acima da Barreira dos Padres. À noite deste último dia, o jacurutu veio cantar perto de nós, respondemos e ele calou.

Mais adiante, a 19, ainda novo sinal de fumaça, mas pelo estado melindroso do nosso doente não podíamos nos demorar mais para tentar uma aproximação tão desejada. Em todos os pontos em que deixamos presentes os encontramos no mesmo lugar como os haviam deixado.

Apressamos o nosso regresso. Tomamos no caminho o batelãozinho escondido, com o motor e a gasolina. Chegamos no porto de Santa Isabel, deixamos ali o batelão grande com a carga e duas pessoas de guarda, afim de viajarmos mais rapidamente, alcançar Leopoldina e mandar o ferido até

Goiânia onde foi operado, acabando desta forma com as dores insuportáveis causadas por corpos estranhos ainda dentro e vários chumbos nos nervos. Em dezembro, quando lá passei, já estava de pé, em franca convalescença. Depois voltamos buscar o batelão grande, pois só tínhamos um motor em bom estado.

Pela narrativa supra vê-se como os índios Xavante voltam a trocar sinais de amizade com o Missionário, mas ainda estão muito desconfiados com os maus tratos recebidos no ano anterior. Muito notável, porém, é o fato de não terem eles feito sinal algum de hostilidade durante esta última viagem. Espero pois, a vista destes fatos, seja mantida a proibição de entradas nesta zona, até conseguir plena pacificação.

Umaseis famílias, acedendo ao meu convite, já passaram de Goiás para Mato Grosso, na zona dos Xavante. Esperam pela companhia do Missionário que há de voltar breve e morar com eles. É a fundação do arraial de São Domingos, às margens do Rio das Mortes. Mais seis outras famílias estão prontas a seguir pela mesma zona e esperam a minha próxima passagem para o último acordo. Será boa ocupação para o Missionário, com as escolas necessárias e também boa companhia para percorrer este sertão, em aproximação a estes nossos caros Xavante. Os campos são ótimos para criação, e tencionamos ligar o novo arraial com estradas, de um lado a Cocalinho, Travessão Reuno e Leopoldina, e do outro às Colônias dos Bororos.

Rio de Janeiro, 15-04-1940.

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO do Ano de 1.940

**Ex.mo Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Com o fim de facilitar os transportes de pessoal e carga pelos rios Araguaia e das Mortes, a Missão Salesiana entre os índios Xavante, no Estado de Mato Grosso, fez em São Paulo a aquisição de um bom barco de ferro de 6,20 m de comprimento por 1,50 m de largura e 0,60 m de calado. Dos dois motores velhos fizemos um bom, e, com mais o novo que tantos serviços prestou no ano passado, pudemos viajar com dois motores renovados.

Alcançamos o posto de Santa Isabel, na Ilha do Bananal, a 2 de agosto. Ali encontramos a comitiva encarregada de preparar a Viagem do Ex.mo Sr. Presidente da República. O chefe dos trabalhos com muita delicadeza nos convidou para demorar mais uns dias e assistir a chegada do Sr. Presidente, o que se realizou a 8 de agosto com a presença dos índios Carajás e Javahés na Ilha do Bananal.

O Ex.mo Sr. Presidente muito se interessou pelos trabalhos da Missão. Pelas viagens repetidas do Missionário, o Rio das Mortes vai perdendo o terror que causava aos civilizados. Este terror era e ainda é causado pelo medo que o civilizado tem da flecha do índio, e pelo que o índio tem da carabina do civilizado. Com um pouco de calma pode-se enfrentar o índio e sem procurar demasiada familiaridade com ele pode-se viver em paz no Rio das Mortes. Vários mariscadores, seguindo estes conselhos do Missionário, já vão encontrando pelo rio acima a fazer peixe.

O índio Xavante, que tão boas promessas havia dado quando do seu encontro amigável com o Missionário, a 27/28 de outubro de 1.937 retirou-se pelas suas matas, por causa de seu infeliz contacto com a bandeira Piratininga, em 1.938, que, por falta de calma e sangue frio em saber suportar um momento difícil e crítico com o índio, entendeu defender-se com fuzis e metralhadoras. Felizmente foi ela chamada imediatamente e até agora foi proibida qualquer nova entrada na terra dos índios.

Em idênticas circunstâncias o Missionário, embora com o braço varado por uma flecha, soube dominar a situação e conter os seus companheiros, evitando com a sua calma e magnitude qualquer hostilidade contra os índios.

Nesta ocasião percebeu-se que um grupo de índios reprovava ao outro o seu gesto e grande calma houve entre todos, terminando tudo em paz. Não fosse a infelicidade do ato da bandeira Piratininga, o Missionário achar-se-ia no dia de hoje no meio dos índios tratando da sua educação, enquanto que agora precisa esperar para conquistá-lo à força de bondade, de paciência e de sacrifícios, e quem sabe por quanto tempo.

Convidado pelo Ex.mo Sr. Presidente em sua lancha, visitei com sua Ex.^a os lagos de Santa Isabel e da Guariroba; e no dia seguinte fomos de avião até os formadores do rio Xingu. No caminho avistamos duas aldeias de índios, que pela forma das aldeias, parecem ser índios pertencentes ao grupo dos Tupis. De lá seguimos ao sul até encontrar o Rio das Mortes, cujas voltas reconheci por serem-me familiares. Assim mostrei ao Sr. Presidente o Travessão de São Rafael e o rio do mesmo nome que deságua no Rio das Mortes e no meio deste travessão.

Mostrei também ao Sr. Presidente o Morro de São Domingos, residência da nova Missão, e chegamos a São José do Araguaia para tomar gasolina; e de lá voltando à Santa Isabel. Pelo caminho marquei ao Sr. Presidente a direção das duas aldeias dos Xavante na margem esquerda do Rio das Mortes, um tanto afastadas do rio. Não houve porém possibilidade de avistá-las.

No dia seguinte, 12 de agosto, S. Ex.^a regressava ao Rio de Janeiro e nós entramos no Rio das Mortes.

A 20 de agosto, passamos pela Ilha dos Xavante. Um passeio pelo campo e pela mata da margem esquerda do rio nos levou até um acampamento dos índios. Estava situado a uma légua do rio e na beira do cerrado, dominando o caminho do rio. Pusemos fogo no campo e pelo cerrado. Nenhum fogo respondeu; os índios não estavam na redondeza. O acampamento mostrava ser um tanto antigo.

A 24 de agosto alcançamos São Domingos, a mais de 70 léguas da barra do rio. O nosso rancho está no mesmo estado; nada fora tocado; os índios não haviam passado. Começamos os nossos trabalhos.

Melhor lugar foi escolhido para a roça; demos início à derrubada, onde reunimos todas as forças dos camaradas.

Depois disto, após vários passeios de exploração e boas informações a seguir, mandei uma turma de três homens abrir uma picada até os povoados próximos de Travessão Reuno e Cocalinho, à beira do rio Araguaia.

Voltaram após mês e meio de ausência, contentíssimos pela bondade do caminho e por ter verificado a exatidão das informações recebidas. Foram a pé e voltaram a cavalo com cargueiros trazendo sementes e mudas para a roça.

Durante a ausência da turma de exploradores, mandei aumentar, consertar e melhorar o nosso rancho; a roça foi queimada, coivarada, com boa cerca, e então recebeu as sementeiras: arroz, mandioca, milho, batatas, feijão, bananas, canas e outras.

Os índios Xavante estiveram ao nosso lado, queimando os campos pelos dias 11 e 29 de setembro, e a 17 de outubro. Os exploradores do caminho trouxeram a notícia que, pelos princípios de outubro, os Xavante haviam queimado duas casas de moradias no Travessão Reuno. O povo ficou alvoroçado por este fato. Depois disto os Xavante voltaram para a sua aldeia, a poente do Travessão Reuno, a cerca de 15 léguas de distancia, pela direita do Rio das Mortes a dentro. Quando nos princípios de novembro, subimos o rio em exploração, achamos o trilho dos Xavante perto do Travessão de São Rafael.

Enfim a 18 de novembro tomamos o caminho de volta, penetrando e estudando vários lagos e furos do Rio das Mortes, entre eles os furos dos Xavante e da apresentação com mais de 5 léguas cada um de comprimento, e um belíssimo lago perto da barra do rio, pelos fundos da chapada de Santa Isabel do Morro.

Este ano deu pois como resultado mais uma viagem pacífica pelo Rio das Mortes. Os índios Xavante, por quatro vezes deram sinal de presença por fumaças do nosso lado. Desaparecem à nossa chegada; não se deixam ver; mas não fizeram ato algum de hostilidade a nosso respeito; não tocaram em nossas coisas. O que nos dá grande esperança de uma próxima nova aproximação.

O Governo de Mato Grosso, compreendendo o alcance desta iniciativa que lhe franqueia o povoamento e o acesso para a navegação do baixo Araguaia e o Rio das Mortes até o Estado do Pará, cedeu ultimamente, a 19-3-1941, um patrimônio de 8 léguas para os futuros moradores com isenção de impostos por dez anos.

Temos agora uma estrada que nos coloca a cerca de 20 léguas de Travessão Reuno e da Vila de Cocalinho, a 60 léguas da cidade de Araguaiana em Mato Grosso; e em Goiás a menos de 35 léguas de Leopoldina, e de 100 léguas da estrada de ferro em Anápolis.

Esperamos este ano começar um caminho que nos aproxime da Colônia Sagrado Coração de Jesus de Merúri, dos índios Bororo, com uma distancia de cerca de 60 léguas, e mais outro tanto até Cuiabá, capital do nosso estado.

Em todas estas obras fica cada ano afirmada a voz do Ex.mo Sr. Presidente da República, Dr. Getúlio Vargas: A MARCHA PARA OESTE. Este

sertão tem reservas imensas que o Brasil deve usufruir, e sentimo-nos ufanos em prestar a nossa modesta colaboração nesta grande obra.

Rio de Janeiro, 25-04-1941

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.941

**Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.**

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Este último ano de 1.941 marcou mais um progresso na nossa Missão.

O nosso pessoal, animado com a tranqüilidade dos índios Xavante a nosso respeito, permaneceu o ano inteiro na sede de São Domingos.

Aumentamos a casa central da Missão, que mede atualmente 18 x 5 m, com bons pisos, paredes novas e portas de madeira.

Ao lado temos a casa do encarregado dos serviços, outra para uma família e ainda um rancho para o beneficiamento da mandioca (farinha), cana de açúcar e cortume.

Juntamos um pouco de gado vacum e cavalariço para os serviços de lavoura e transportes.

Temos presentemente na sede da Missão seis famílias com um total de 20 pessoas, contamos com mais de 30 famílias que já se encontram em movimento para o patrimônio de São Domingos, perfazendo um total de mais de 200 pessoas e que trarão consigo cerca de 2.000 cabeças de gado.

As vantagens de posse da terra cedida pelo Estado de Mato Grosso e a isenção de impostos por 10 anos tem muita influência para a concorrência do povo que se fixará na região.

Não fossem as dificuldades administrativas surgidas pela má interpretação por parte do Serviço de Proteção aos Índios, teríamos uma afluência muito maior.

Temos, porém, pela confiança de que o alto descortino do governo saberá resolver sabiamente estas dificuldades para o bem de todos e o progressivo desenvolvimento da região.

No correr do ano notamos várias aproximações dos nossos índios Xavante, finalidade precípua dos nossos sacrifícios neste sertão.

Já a 23 de setembro último, navegando pelo Rio das Mortes, estes índios vieram nos reconhecer, imitando da mata ao nosso lado o canto de vários animais. Pelas nossas respostas, o índio nos identificou, deixando-nos viajar em paz.

A 28 do mesmo mês encontramos a turma do Serviço de Proteção aos Índios, chefiada pelo Dr. Pimentel Barbosa. Trocamos animadamente as nossas idéias sobre os índios. Poucos dias depois, essa expedição seguiu viagem pelo outro lado do Rio das Mortes, rumo as aldeias dos índios Xavante nas encostas da Serra do Roncador. Afim de não criarmos embaraços aos seus esforços, desistimos de procurar encontro com os mesmos índios enquanto durassem os trabalhos desta expedição.

Pelo dia 20 de outubro, um fogo foi visto, no começo da noite, em frente a São Domingos, na margem oposta do rio. São os Xavante que se aproximam, é a voz corrente dos meus companheiros.

Respondemos com outro fogo e imitamos as vozes de vários animais silvestre. Só o silêncio tivemos como resposta e a tranqüilidade dominou o resto da noite.

Relembrando este fato durante a noite, pensei logo que os Xavante haviam se aproximado para saberem se eu estava em casa com meus companheiros; os outros que estavam pelo interior não eram portanto os meus, e um calafrio percorreu-me o corpo ao imaginar o que poderia acontecer a sorte do Dr. Pimentel.

Na última semana de outubro fizemos uma viagem rio abaixo até 250 quilômetros da sede da nossa Missão. Chamou-nos muito a atenção o fato de não encontrarmos indício algum da presença dos Xavante, numa zona por eles muito freqüentada. Em vários pontos aportamos procurando vestígios deles, mas tudo em vão. Os Xavante estavam se reunindo ao redor da expedição do Dr. Pimentel.

A 8 de novembro chegou-nos a notícia do massacre da comitiva pelos índios, ocorrida dois dias antes. Logo, com a nossa lanchinha fomos buscar os sobreviventes com suas bagagens, acolhendo-os em nossa residência, para que não ficassem isolados, sujeitos a qualquer surpresa.

No dia seguinte fornecemos para dois deles poderem levar a notícia ao posto próximo, Cocalinho e Leopoldina. À tarde desse mesmo dia os Xavante chegaram às redondezas de nossa casa, examinaram tudo e se retiraram sem que fossem vistos. Notamos uma grande fumaça que os chamava na volta do rio, a cerca de 2 quilômetros de distancia, e os gritos deles ao se retirarem.

No dia seguinte vimos os rastos dos índios por cima dos cavaleiros que teriam caído nas mãos deles caso não tivessem tido bons animais para a viagem.

Os Xavante deram prova, mais uma vez, que nos respeitam, e não é para menos. Constantemente vem ver os nossos trabalhos com os índios Bo-

roro que não mais hostilizam. Reconhecem que formamos a mesma Missão, e deixam-nos em paz. Guardam-nos esta amizade que formaram conosco em 1.937, quando ficaram admirados pelo fato do Missionário não ter reagido ao ter o braço varado por uma flecha de um deles.

Pelo acontecido podemos afirmar que se a Missão não estivesse nas proximidades, os Xavante teriam feito mais seis vítimas, pois estavam os coitados remanescentes sem alimento, sem condução, sem recursos de espécie alguma e com o ânimo profundamente deprimido pela morte de seu chefe. E os índios estavam seguindo os seus rastros.

Durante um mês a Missão sustentou a vários componentes dessa malograda expedição, auxiliando-os em tudo que fosse do alcance de suas forças.

A nossa estrada de São Domingos a Cocalinho, por nós aberta, no ano passado, foi muito percorrida durante este ano, por nossos camaradas, pelos colonos, bem como pelo S.P.I., que dela se aproveitou para sua penetração, e por moradores do Araguaia que vieram visitar os nossos trabalhos e conhecer os belos campos naturais que nos rodeiam.

Não foi ainda possível abrir a estrada em direção a Cuiabá. Colhemos no entanto boas informações sobre a zona que deverá cortar, o que muito auxiliará os próximos reconhecimentos.

De acordo com o Governo do Estado de Mato Grosso, esperamos convidar colonos para o povoamento das terras entre o Araguaia e o Rio das Mortes, até o paralelo que passa pelo patrimônio de São Domingos, sendo colonizados, também, vários pontos elevados nas margens do rio Araguaia.

Este programa de povoamento está intimamente ligado ao problema da PACIFICAÇÃO dos índios Xavante.

Pelo trabalho constante e pelo exemplo, esperamos influenciar o ânimo do índio que acompanhara, vivamente interessado, o progresso e a ordem dos colonos orientados e amparados pelo Missionário.

Estaremos bem recompensados vendo esta vasta zona povoada, pacificados os nossos Xavante, impelidos desta forma mais para o Oeste os limites econômicos do nosso Brasil.

Rio de Janeiro, 25-04-1.942

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

RELATÓRIO DE 1.942

Ex.mo Sr. Dr. Getúlio Vargas,
DD. Presidente da República do Brasil.

MISSÃO SALESIANA entre os ÍNDIOS XAVANTE

Em relação aos índios Xavante, no decorrer do ano de 1.942, deram-se os fatos seguintes:

A 15 de abril de 1942, saía de São Domingos uma expedição com o fim de recolher os restos mortais das seis pessoas do S.P.I. vitimadas pelos índios Xavante a 06 de novembro de 1941. O Sr. Ladislao da Rocha Cardoso, da Missão Salesiana, servia de guia e prestou serviços, dando provas de belo espírito de sacrifício e de abnegação. Havia ainda muita humildade pelo sertão, andando freqüentemente os viajantes dentro da água que lhes subia às vezes pela cintura e até pelo peito.

No regresso da expedição, o Sr. Accioly Lopes, Inspetor do S.P.I., adoeceu gravemente de febre malária, sendo o mesmo carregado pelos seus companheiros de marcha. Chegaram todos com febre, mas chegaram, devida a energia do Sr. Ladislao da Rocha Cardoso, que se recusou em abandonar pelo sertão o Sr. Luís Accioly Lopes, mau grado o pedido deste, que, ao se ver muito abatido, sem forças para caminhar, e os companheiros fracos, pedia instantaneamente, que o abandonassem à sua sorte, a fim de salvar aos outros todos.

Não obstante este ato de generosidade e caridade cristã, o Sr. Ladislao e a Missão foram retribuídos com a mais negra ingratidão pelas informações malévolas do mesmo Sr. Accioly a nosso respeito, embora fosse ele mais tarde demitido de seu cargo a bem dos serviços públicos.

A 18 de outubro de 1.942, um grupo de pessoas, composto de elementos da Missão Salesiana e do S.P.I., estava de pouso numa praia à margem direita do Rio das Mortes, a cerca de 60 quilômetros de São Domingos. O Sr. Latiel Fernando Pereira atravessou o rio numa canoa na barra do Córrego Nunes, à margem esquerda do Rio das Mortes, quando foi ferido no joelho por flecha atirada por um índio Xavante escondido na mata que rodeia a barra do córrego Nunes. Com a flecha no joelho, conseguiu embarcar na canoa e voltar na praia, onde foi tratado pelos companheiros, extraíram a flecha que atravessara

as carnes ao lado do joelho, apontando do outro lado. A flecha era de taboca, larga dois centímetros ou pouco mais, dessas próprias para sangrar. O doente foi recolhido à sombra da barraca.

Enquanto faziam os curativos, o Sr. Gustavo Otto Filho, encarregado do Posto do S.P.I. do Rio das Mortes, adiantou-se na praia em frente a boca do córrego Nunes e interpelou os índios. Pouco a pouco estes vieram aparecendo, respondendo com o maior silêncio. Este silêncio dos índios não era de bom augúrio, o Sr. Gustavo retirou-se.

Ladislao da Rocha Cardoso, encarregado da Missão Salesiana, aproximou-se então dos índios, dando-se a conhecer e reprovando-lhes o terem ferido o seu companheiro com a flecha. Falava ele por gestos e por palavras, mostrando-lhes o companheiro ferido. Os índios reconheceram-lhe a voz e as feições, manifestando sua velha amizade firmada no memorável encontro de 27 e 28 de outubro de 1.937, rio abaixo; negaram seu intento de querer fazer mal e mostraram o culpado que apareceu de cabeça baixa. Os índios passaram a conversar animadamente entre si, olhando de vez em quando.

Ladislao, com mais uns companheiros, tomou uma canoa e aproximou-se mais dos índios a fim de melhor os ver de melhor fazer-se compreender por eles. Estes com gestos e palavras pediram machados e facões. Os nossos recolheram as ferramentas e mais objetos de que podiam dispor, e assim foram dando aos índios facões, machados, canivetes, cobertores, roupas, fumo, camisas, tigelas, pratos, canecas, rede, lençol, toalhas, rapaduras e mais objetos de agrado.

Haviam aparecido uns 60 índios, homens e moços. A cerca de uma légua atrás deles estava uma colina, onde devia estar colocada a aldeia com as famílias. Os nossos regressaram então a São Domingos onde chegaram no dia seguinte.

A 23 ou 24 de março deste ano de 1.943, vieram os Xavante na plantação da Missão Salesiana, de onde levaram as ferramentas que encontraram: enxadas, enxada, foice, machado. Não causaram prejuízo algum à plantação. Logo que o nosso capataz deu por falta dos objetos, providenciou substituí-los por outros, a fim de que os índios voltassem novamente. Ao mesmo tempo indagou pelas nossas pessoas presentes na Missão se por acaso não tivesse alguém levado os ferros; mas ninguém tinha ido à roça, e os rastros acompanhados por longo trecho do caminho, bem provavam que eram os índios Xavante.

Para se fornecerem de ferramentas os índios Xavante escolheram a plantação da Missão Salesiana.

Por estes fatos vê-se que a nossa amizade com os índios Xavante vai progredindo. Não sendo perseguidos pelos nossos até suas aldeias, vem eles espontaneamente examinar os nossos trabalhos, aproximando-se das nossas plantações. Pouco a pouco tê-los-emos em nossa companhia.

Os trabalhos vão progredindo. Temos mais duas casas para nossos trabalhos agrícolas com o forno da farinha de mandioca e agasalho para mais três famílias. Providenciamos um tacho para rapaduras e açúcar, assim como um engenho de moer canas. Por motivos alheios à nossa vontade, não pudemos aumentar as nossas plantações como era do nosso desejo, mas a antiga continua em bom estado, fornecendo-nos arroz, milho, mandioca, cana, bananas, abóboras, o necessário para vivermos.

Cuidamos de um pequeno gado que nos fornece leite para as crianças e mais um pouco para tomarmos de manhã. Devido ao desastre do afundamento de uma canoa com a qual perdemos 16 volumes, inclusive os nossos recursos, não pudemos aumentar o nosso gado. Achamos-nos em dificuldades atualmente. Oremos, porém. Avante, embora seja com mais vagar.

Por este motivo espero que este Ministério compreenderá este nosso aperto e conceder-nos um auxílio extraordinário que nos ajude a vencer esta penúria pela qual ora passamos. Contamos com o espírito de benevolência e de caridade cristã do nobre Governo Federal a fim de continuarmos a nossa obra patriótica em prol dos nossos irmãos Xavante, pelos quais não rejeitamos sacrifício algum de nossa parte. Enquanto a nossa obra de colonização, atendendo às dificuldades da hora presente, ficou ela paralisada, momentaneamente, tendo porém a firme convicção de sua necessidade nesta hora em que o Brasil precisa de todos os seus recursos econômicos, e esperamos encetá-la novamente em breve, contando para isto com o apoio do Ex.mo Sr. Ministro da Mobilização Econômica que, muito amavelmente, pediu o nosso concurso na grandiosa obra da Colonização do Rio das Mortes e da Serra do Roncador.

Rio de Janeiro, 07-07-1.943

Padre Hipólito Chovelon
Diretor da Missão Salesiana
entre os índios Xavante.

Recebido em 27 de fevereiro de 2017

Aprovado para publicação em 20 de março de 2017